

HISTÓRIA TRANSCRIADA

Marie Felice Weinberg

Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Culturas Judaicas pela USP

RESUMO: Este trabalho é baseado em 22 entrevistas com mulheres judias empreendedoras. O período de imigração das entrevistadas, à cidade de São Paulo, foi entre o fim da II Guerra Mundial e 1956, quando um novo ciclo econômico teve início. A história oral, como metodologia utilizada, alinhou a transformação dos valores frente às condições de mulheres economicamente ativas, identidade judaica e aculturação, em circunstâncias favoráveis encontradas no cenário político, econômico e social do período. A partir do levantamento de dados de 22 entrevistas, tabulação foi criada uma personagem ficcionada que apresenta a realidade histórica os resultados estatísticos numa estrutura literária.

Palavras Chave: Imigração, Judeus, Gênero, História Oral, Empresariado São Paulo (1945 – 1956)

SUMMARY: This paper sought to analyze the experienced reality and constructed speech produced by 22 Jewish women who immigrated to the city of Sao Paulo from 1945 to 1956 and have shown entrepreneurial initiative. In face of the favorable circumstances found in the political, economic and social scenery over that time span, these women, who are part of a distinct ethnic group, have woven distinct life conditions by undertaking “invisible” initiatives, in their search for economic solutions that would supply the needs of their families.

Oral history was the methodology of choice to assemble and interpret these women’s histories.

Key words: immigration, Jews, entrepreneurial skills, gender, oral history

Metodologia

Esse trabalho é baseado na coletânea da pesquisa sobre as mulheres judias que imigraram a cidade de São Paulo entre 1945 e 1956 e que empreenderam por sua própria conta e risco.

A História Oral foi à metodologia escolhida para compor e interpretar as histórias de vida dessa minoria e seu cotidiano. Se a História Oral discute a documentação viva, ainda não aprisionada pela linguagem escrita e incorpora visões subjetivas, sentimentos e observações dos indivíduos. Quais são os indivíduos e que de sentimentos falamos? Sendo vários os discursos que participam, integram e recontam a realidade, a reconstrução dos fatos e a colagem das informações podem ter diversas formas.

Afinal, quem faz a História: a Garota de Ipanema ou o poeta Vinícius de Moraes?

Ainda, a metodologia também foi escolhida por valorizar o olhar do observador, quando ao descrever a história de vida, pondera sobre as causas e os efeitos do momento em que a história foi contada. É o diálogo entre o observador e o sujeito efetivada na entrevista (“entre-vistas” ou “olho no olho”) de modo a ampliar o discurso em vários significados. Assim, a autoria das histórias é fruto da integração entre o discurso, os fatos e a capacidade interpretativa do pesquisador em recontar a história, desvendadas segundo suas entrelinhas¹.

As 22 entrevistas se estenderam pelo universo cultural judaico imigrante: mulheres asquenazitas² sefaraditas³ e orientais, objetivando uma abordagem multicultural. Diante da impossibilidade de identificar as mulheres nominalmente e frente a exigência de nublar a história real, como forma de preservar a família e corresponder ao código de conduta patriarcal judaico, surgiu como solução o uso desta metodologia. Uma das entrevistas foi selecionada como a entrevista ponto zero⁴, recebendo o tratamento da transcrição, textualização⁵ e transcrição⁶. servindo de base para *a metodologia aqui colocada como objeto de discussão*.

Para esta análise foi criado um personagem imaginário de nome “Isha Mehagueret” que traduzindo do hebraico significa: Mulher Imigrante como fruto do *discurso-síntese*⁷, metodologia assim chamada por Fernando Lèfevre⁸.

1 FENELON, Déa Ribeiro. Revista: Projeto História nº 10 – Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História –PUC: São Paulo-dez/93 – Cap.I, p. 77

2 UNTERMAN, Alan. Dicionário Judaico de Lendas e Tradições – RJ: Jorge Zahar Ed., 1992 - p.34

3 Idem: p.233

4 O ponto zero “é um depoente que conheça a história do grupo ou de quem se quer fazer a entrevista central” (MEIHY, José Carlos Sebe. Manual de História Oral. SP, 3ª ed.-Ed. Loyola. 2000, p. 84).

5 Textualização é uma fase posterior à transcrição, e “nesta fase, suprime-se as eventuais perguntas que, fundidas nas respostas, superam sua importância”. (MEIHY, op cit , p. 90).

6 Transcrição “se compromete a ser um texto recriado em sua plenitude. Com isso, afirma-se que há interferência do autor no texto...”. (MEIHY, 2000, op cit, p. 91).

7 LÈFEVRE, Fernando, LÈFEVRE, Ana Maria Cavalcanti, TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira, (orgs.), O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa –Caxias do Sul: EDUCS, 2000, p.19.

8 LEFEVRE(orgs.), 2000, op cit, p. 19.

A partir dos discursos individuais, como numa colcha de retalhos foi construída a expressão do grupo, tornando o discurso de todas, o discurso um. Desse modo quem participou com seu discurso foi incluído na tabulação, ao mesmo tempo em que permanece vivo e se identifica nos parágrafos e, em expressões, diferentemente da restrita apresentação em tabelas, gráficos ou percentagens, frias e inanimadas.

Logo, a personagem ficcionada “Isha Mehagueret” condensa as conversas, frases marcantes e representativas da cada uma e a história é transcrita costurando os resultados estatísticos das respostas tabuladas, numa estrutura literária enriquecida pelas circunstâncias que permearam a realidade histórica do objeto estudado. É o resultado da aplicação da arte e a ciência, juntas.

Considerando este veículo um espaço ideal para discussões, embora nunca esquecendo do aviso de Paul Thompson, sobre a necessária coragem para enfrentar críticas aos estudos pautados “...na história da emoção e do sentimento.”⁹

HISTÓRIA TRANSCRIADA

Eu me chamo Isha Mehagueret.¹⁰ e vou começar a falar de meus tempos de menina ainda na Europa Central, onde nasci, assim ...na década dos 20¹¹, numa aldeia¹², onde as mulheres eram muito bonitas. Eu também já fui bonita¹³.

Na casa de minha avó eu e Anit¹⁴ aprendemos a fazer chalá. Fazíamos sempre algumas a mais e dávamos para famílias mais pobres¹⁵. Anit era minha melhor amiga e companheira de todas as horas¹⁶, inclusive de sinagoga, onde juntas íamos todas as sextas-feiras para o Shabat. Nossas mães também eram muito unidas, trabalhavam como enfermeiras numa casa para idosos¹⁷. O pai de Anit morreu logo que ela nasceu¹⁸ e a mãe casou com um dentista¹⁹ de quem ela gostava muito.

9 THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral – Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992 – p.24

10 Isha Mehagueret significa no idioma hebraico, Mulher Imigrante. In Pequeno Dicionário Português-Hebraico, publicado pela Organização Sionista do Brasil em 1980.

11 Luiza (essa entrevista, bem como as demais estão em sua íntegra na dissertação de mestrado, sob o título: “Histórias Recontadas: Judias Imigrantes Empresárias em São Paulo (1945-1956)”

12 Ruth

13 Myetta

14 Myetta

15 Margot

16 Myetta

17 Sofia

18 Esmeralda

19 Luiza

Meu pai, alfaiate²⁰ mais conhecido e respeitado da nossa aldeia, trabalhava também como tesoureiro da sinagoga²¹, onde participava ativamente das rezas e das reuniões. A nossa vida orbitava no calendário dos eventos na sinagoga²². As Grandes Festas eram muito esperadas e comemoradas na casa dos meus avós, que moravam atrás da sinagoga.²³ A família era grande e essas festas eram divertidas, longas e sempre acabávamos adormecendo entre as camas, os sofás e os colos disponíveis²⁴.

Todos se conheciam na cidade. Os almoços²⁵ de Shabat terminavam com longas discussões sobre os fundamentos judaicos, a filosofia por trás dos rituais, o significado de cada um deles²⁶, e por aí a fora.

Em casa, lia-se muito. Falávamos alemão, ídish, polonês e não raro o russo e o romeno, mas meus pais fizeram questão de que aprendêssemos também o inglês²⁷, o que veio a ser de grande importância para mim, alguns anos mais tarde²⁸. Entre livros, jornais e revistas aprendemos sobre o movimento sionista²⁹, que ganhava corpo entre alguns dos amigos dos meus pais que acabaram por emigrar para Israel.

Foi em Chanuká de 32 que fui para Lodz, cidade onde minha tia Chana morava. Ela cozinhava com esmero e acredito que meu gosto pela boa comida venha desta época³⁰. Lodz era uma cidade industrial, com ruas largas, pessoas desconhecidas e diferentes. Eu me assustei ao notar que as pessoas não se cumprimentavam nas ruas³¹. Embora minha tia acendesse as velas de Shabat, ela nem sempre freqüentava a sinagoga. Estivemos uma vez na sinagoga de seu bairro e o serviço religioso era estranho para mim, tudo era mais sério, até as músicas. Durante a prédica falou-se na responsabilidade de sermos judeus³². À noite, minha tia explicou e falou sobre certos cuidados que deveríamos tomar ao andar pelas ruas, na escola e nas lojas evitando falar em ídish com qualquer pessoa, já que alguns não tinham simpatia por judeus. Foram os primeiros sinais de anti-semitismo com os quais tive contato³³.

Foi por conta do curso técnico de corte e costura que meus pais me enviaram para a casa dessa tia em Lodz. A casa que era muito grande foi sublocada para a família de meus

20 Claudete

21 Daniela

22 Maura

23 Daniela

24 Margareth

25 Daniela

26 Ruth

27 Ruth

28 Samantha

29 Sofia

30 Daniela

31 Zelia

32 Daniela

tios. Os moradores tinham um belo piano e foi assim que meu primo Ariel aprendeu a tocar. Anos mais tarde ele se tornou um renomado pianista em Nova York³⁴.

Em Lodz freqüentei a escola regular com aulas de francês, inglês, história e matemática, e à tarde, a profissionalizante³⁵ em corte-costura. Eu desde pequena brincava na máquina de costura da minha avó, fazendo roupas para bonecas. Foi uma fase deliciosa! Eu era muito caprichosa e guardo até hoje meus cadernos com a teoria sobre moda, técnicas de proporção, equilíbrio e desenho (croquis). Um dia vou tentar reescrever³⁶ para o português e até quem sabe, ensinar costura. No curso eu ia inventando modelos e produzindo peças de roupas com jornais velhos que coloria. Adorava fazer camisolas decotadas que pareciam roupas de baile. A minha tia reprovava a minha ousadia.

Mas negócio mesmo foi com meu pai, o comerciante, que aprendi³⁷. Observava-o na alfaiataria e na pequena loja de armarinhos onde ele trabalhava. Afinal, eu não me sentia tão à vontade entre as tarefas da minha mãe que era ótima dona de casa. Eu ia para a loja dizendo: Vou respirar o ar de fora”.³⁸ Eu sonhava com tesouras, tecidos e moldes, mas nunca pensei que essa profissão fosse garantir a minha sobrevivência e, inclusive, da minha família, durante um certo tempo!?

Em 38, Morgit, minha prima veio morar com esses meus tios. Os pais dela eram jornalistas e tinham fugido para a Suíça³⁹. Eram foragidos, acusados de crime político, por terem publicado e distribuído diversos panfletos contra discriminação do governo russo e alemão⁴⁰. Ela havia ficado sozinha com seus irmãos menores⁴¹ numa aldeia maior que a nossa, chamada Satu-Mare, na Transilvânia, norte da Romênia que fazia fronteira com a Hungria, a Checoslováquia e Polônia. A região, antes da Primeira Grande Guerra, pertencia ao Império austro-húngaro. Depois, toda Transilvânia passou a ser chamada de Romênia. Em 1940 voltou a pertencer à Hungria. Em 1945, no final da Guerra, de novo à Romênia⁴². Isto tudo hoje é história, para minha época era o dia a dia.

Em Satu-Mare todos os judeus moravam no mesmo bairro, assim como na aldeia dos meus tempos de criança. Para minha surpresa havia duas sinagogas, uma liberal-

33 Rosalia

34 Myetta

35 Regina

36 Myetta

37 Sofia

38 Myetta

39 Sofia

40 Ruth

41 Luiza

42 Myetta

sionista⁴³ e outra chassídica, dos Printz. Eles eram muito ricos e religiosos e donos de uma fábrica de painéis de ágata. Eles pagaram o curso para Pauline nos EUA.

Minha outra prima Pauline. Ela também tem uma história emocionante. Órfã aos dezesseis anos, fugiu para Bruxelas, e depois Paris onde ficou escondida numa igreja até conseguir novos documentos, com a Cruz Vermelha⁴⁴. Depois da guerra ela emigrou para os Estados Unidos, onde cursou contabilidade⁴⁵. Mas não era feliz sozinha. Encontrou nas listas de identificação de sobreviventes, divulgadas pelo mundo inteiro⁴⁶, o nome do tio dela que estava morando em São Paulo. Ela imigrou para cá e não demorou a casar-se com um ortodoxo que veio de Budapeste. Eles hoje têm um neto advogado. Mas o começo não foi nada fácil. O marido começou com uma fabriqueta de lingerie e as coisas não iam tão bem. Ela foi ajudar com a contabilidade, depois inventou um crediário em que as parcelas iam diminuindo. Foi bom por um tempo, mas ela não gostava de trabalhar com peças pequenas. Fez uma parceria com duas tecelagens e começou a fazer matelassê para colchas de cama exclusivas. Hoje, exportam. Apesar de tanto trabalho, ela ainda cuida de uma creche para meninas órfãs, ensina inglês e costura. Ela conta que quando chegou ao Brasil ganhou uma família e retribui essa sorte⁴⁷! Nós cuidamos da família e dos amigos.⁴⁸

Eu tinha uma outra tia, por parte de pai que veio ficar conosco assim que o marido morreu. Eles costuravam soutiens e cintas por encomenda. Foi com ela que eu de fato aprendi uma profissão.⁴⁹

A guerra chegou. Fizemos uma reunião familiar que veio a ser a última. Lá foi decidido que deveríamos emigrar para onde fosse possível e quando estivéssemos em segurança passaríamos o endereço a Dom Fellipe⁵⁰, o padre da igreja que ficava perto da praça onde era a alfaiataria do meu pai. Ele nos ajudou e chegou a fazer conversões, casamentos e entregou a documentação acima de qualquer suspeita⁵¹. Cada núcleo familiar ficou incumbido de levar um pedaço da história: álbum de fotos, o castiçal de Chanucá, a toalha de Rosh Hashaná, o quadro que ficava na sala de jantar da minha avó...coisas que eu nunca mais vi! Não lembro mais quanto ficou faltando, são pedaços que ficaram espalhados⁵² e não conseguimos mais juntar. Isso ainda machuca⁵³.

43 Rosalia

44 Linda

45 Linda

46 Nitza

47 Linda

48 Myetta

49 Amelie

50 Amelie

51 Esmeralda

52 Daniela

53 Luiza

Nos últimos dias antes da partida tive a sorte de encontrar a minha antiga professora, sabíamos que era o último encontro⁵⁴. Chorei e entre soluços de tantas perdas, ela sugeriu o nome de um noivo para mim. Meu pai aceitou de imediato, afinal era de uma “boa família”. Um cliente de meu pai que havia se tornado prefeito da cidade preparou os papéis⁵⁵ e formalizamos o casamento civil. A cerimônia terminou ao som de tanques e soldados. Gritos, vidros quebrando, coisas caindo. Fugimos para o cemitério que foi durante um tempo um lugar seguro. Anit, minha amiga que estava apaixonada por um ortodoxo russo⁵⁶ foi embora já com uma filha na barriga, direto para Filadélfia. Até hoje somos muito amigas, de tempos em tempos eu vou, ela vem e sentamos em qualquer lugar e falamos de dentro da alma.

Fomos a Kluj⁵⁷, na Transilvânia, eu e meu marido, meus pais e meu irmão. Soubemos por amigos que muitos estavam se arranjando por lá. Apareceu a alternativa de alistamento para o exército de Israel. Meu irmão se alistou e foi como camareiro no navio que ia para lá. Com o primeiro dinheiro mandou buscar meus pais assim que terminou a guerra. Ele lutou com os ingleses pela Fundação de Israel e depois da Declaração de Independência voltou a trabalhar no navio⁵⁸ fazendo a rota para os Estados Unidos. Na passagem pela Itália trazia bijuterias finas, caixas inteiras⁵⁹. Todos assim faziam, cada um trazia alguma coisa, revendiam e começaram a fazer dinheiro⁶⁰. Ele casou em Israel, mas suas duas filhas nasceram aqui e já são oito netos.

Eu e meu marido localizamos um vizinho que já vivia em São Paulo e mandou a carta de chamada para nós⁶¹. Conseguimos vir, através da Itália⁶². Depois que chegamos à Áustria, uma entidade⁶³ sionista nos ajudou a chegar à Itália para buscar o visto de chamada no consulado brasileiro. Eu já estava grávida.

Berij e sua família estavam nos esperando no porto e ficamos inicialmente instalados em sua casa em São Paulo, que ficava em frente à praça da Estação da Luz, onde tinha um lago com peixes vermelhos e podíamos atravessá-lo por uma ponte. Foi o nosso tempo de lua-de-mel.

54 Juliette

55 Sofia

56 Myetta

57 Linda

58 Myetta

59 Sofia

60 Isabel

61 Daniela

62 Margot

63 Margot

Aos poucos começamos a sair de casa, havíamos ficado impressionados com as favelas e a pobreza e demoramos a entrar em contato com as pessoas⁶⁴. Outra coisa que estranhávamos eram os negros que nós nunca tínhamos visto, ao mesmo tempo em que nos encantávamos com tanta mistura, eram japoneses⁶⁵, árabes, italianos... tantos sotaques. As aulas de português começaram no navio e de fato ajudaram, mas ainda assim ficávamos confusos ao percebermos que a maioria dos brasileiros não sabia ler⁶⁶. Eram muito atenciosos e prestativos⁶⁷, talvez até serviçais. Os costumes sobre higiene⁶⁸ eram muito diferentes⁶⁹, mesmo com tanta água. Andar pelas ruas sem sombrinha, como era o costume local, parecia impossível⁷⁰. O clima quente e úmido⁷¹ deixava a roupa marcada pelo suor e nem assim as pessoas deixavam de se cumprimentar com longas seqüências de beijos⁷², pareciam íntimos desde sempre!!⁷³

A realidade se fez premente e eu comecei a trabalhar numa alfaiataria, que tinha uma freguesia diferenciada, era no centro da cidade, no Largo do Arouche. O dono confeccionava paletós e blazers e eu, no começo, ajudava na parte de acabamento e depois passei a fazer também as provas.

Aos poucos eu fiz amizades, grandes amigas deixei a alfaiataria e comecei a atender em casa fazendo novamente roupa íntima. Quando meu segundo filho nasceu não dava mais e acabamos alugando na região um galpão. Elas vinham com hora marcada para ter sempre privacidade e eu tinha muito cuidado com isso. Soutien e cinta exigem também muita paciência. Eu preparava um chá e servia com bolachas e uns chocolates muito gostosos que eu comprava da Monique. Ela é uma egípcia que chegou em 1952 ou 1953 fugindo das perseguições que estavam acontecendo contra os judeus como retaliação à Fundação de Israel. Com ela eu conheci um outro judaísmo. Tudo para ela é cheio de sinais e significados e para minha surpresa ela não falava ídish. Era uma mistura de espanhol com hebraico, o ladino. As músicas e as comidas são diferentes, embora comemorações religiosas sejam as mesmas, tudo muito perfumado⁷⁴. Os chocolates dela também tinham perfume, mas ela conta que demorou em acertar o ponto dos chocolates que derretiam muito fácil.⁷⁵ Até no jeito de ser mulher notei diferença, se mantinham reservadas dos

64 Amelie

65 Margareth

66 Regina

67 Rosalia

68 Luiza

69 Sofia

70 Regina

71 Margot

72 Dalia

73 Luiza

74 Margareth

75 Esmeralda

homens, eram mais maquiadas, usavam muitas jóias e quando se reuniam soltavam gargalhadas como eu nunca tinha visto⁷⁶. Criamos uma amizade que me permitiu trocar exóticas receitas⁷⁷ e até aprender algumas melodias⁷⁸. Hoje ela mora no “Lar Golda Meyer” e quando a visito faço questão que ela leia a borra de café⁷⁹, mais uma das coisas que tantas vezes compartilhamos.

O meu atelier foi crescendo e foi ficando elegante. Comecei a pensar em fazer lingerie também. Foi quando o meu marido, que não ia bem com a sua loja de material elétrico, resolveu me ajudar no negócio. Aos poucos as primas começaram a ajudar e chegou o momento que contratamos, primeiro uma costureira, depois uma modelista...

Uma delas mal falava português, só polonês. Ela imigrou com o marido para o Rio e faziam lenços de cabeça e pescoço, porém o clima era quente e não conhecendo nem religiosas, nem portuguesas resolveram tentar a sorte em São Paulo.⁸⁰ Ela muito tempo comigo.

E o meu negócio foi crescendo. Eu comecei uma nova fase, que incluía viagens para o exterior em busca de modelos, detalhes⁸¹ e renda⁸². Assim recomecei a confecção de camisolas e pegnoir. Enfim, eu estava realizando um sonho que eu pensava soterrado pelos muitos tanques de guerra.

Viajei algumas vezes para a Europa, por onde houvesse a moda⁸³ para as várias coleções que produzi⁸⁴, principalmente depois que o atacado impulsionou o negócio⁸⁵. Fui também para Nova York⁸⁶. Sempre descobria mais alguém da família para visitar. Hoje tenho a minha filha em Miami e meus netos que estudam em colégio judaico, diferente do que fizemos para os nossos filhos, porque naquela época, isso não era importante.⁸⁷

Peter, irmão de Don Fellipe, que para proteger sua esposa judia, também imigrou para cá, tornou-se um empresário que influenciou muito o meu negócio. Com ele construímos uma amizade de muita confiança, inicialmente estimulada pela gratidão ao apoio⁸⁸. Eles estavam enriquecendo com uma malharia e me incentivaram a apostar no mercado atacadista. A primeira coleção foi vendida por seus próprios representantes.

76 Juliette

77 Juliette

78 Margot

79 Juliette

80 Margot

81 Sofia

82 Isabel

83 Myetta

84 Samantha

85 Myetta

86 Sofia

87 Luiza

88 Amelie

Cometi muitos erros no começo. O meu primeiro mostruário foi em tamanho 46. Eu não sabia fazer atacado. Eu engordei um pouquinho fiquei entre 44 e 46 e fiz do meu tamanho, e se não vendesse?...Então eu usaria! Então Peter me explicou sobre as vantagens da apresentação no tamanho 40. A lingerie ficaria mais modelada, a peça mais atraente e até mais econômica. Ele me ensinou muitos truques deste novo mundo⁸⁹.

Com o dinheiro que meu irmão trouxe de Israel alugamos outro galpão com espaço maior. Devagar a coisa foi engrenando, até o governo inventar um viaduto, este que passa pelo Largo do Arouche, mas logo um conhecido arrumou um novo espaço. Acho que os acontecimentos fizeram com que nós, os imigrantes de modo geral, ficássemos mais fechados como um grupo, pelo menos no princípio. No caso dos judeus isso era mais forte porque algum anti-semitismo ainda se podia sentir. É caso de uma senhora que vive atualmente no Lar com minha amiga Monique. Ela teve um açougue⁹⁰, num bairro longe da maior parte dos imigrantes judeus. O negócio funcionava bem até a morte da mãe. Por causa dos preparativos diferentes, descobriram que eram judeus e deixaram de comprar, fantasiando sei lá o que sobre a carne. Quando esse assunto aparece entre as moradoras do Lar, cada uma conta e reconta sua história.

Aparecem algumas surpresas como a Riva que cresceu como protestante⁹¹ e tempos depois converteu-se ao judaísmo. Ou ainda o caso dos filhos de Varja que só depois de adultos descobriram serem judeus, mas não se interessaram em resgatar o vínculo⁹². Quando alguém ainda reclama da vida, Clara se exalta e protagoniza a defensora da existência do Lar “Golda Meyer”, motivo suficiente para todos se orgulharem da cultura e da filosofia judaica que cultua a solidariedade⁹³, mencionando ainda o fato de São Paulo ter acolhido tantos imigrantes com espaço e liberdade para progredir. Clara e seu marido foram ativistas políticos e ela mantém essa força em sua alma e na pose do discurso.

Eu, em meus dias de trabalho, ficava na oficina o dia todo, mas na hora do almoço eu recebia deliciosos pratos que só a minha mãe sabia fazer. Ela também cuidava dos meus filhos pequenos. Demorou um tempo até podermos ter uma empregada⁹⁴. Aliás, elas me assustavam um pouco com sugestões que pareciam feitiçaria, como curar dor de barriga com chá da goiabeira do jardim do Seu Antônio, ou a dor de ouvido com um copo d’água embaixo do berço enquanto o bebê dormia⁹⁵. Faz tempo tudo isso!!

89 Myetta

90 Ruth

91 Dalia

92 Suzana

93 Ruth

94 Myetta

95 Amelie

O tempo passou e veio o Bar-Mitzva de meu filho e só depois de seu casamento com a Denise, passamos a freqüentar a Hebraica. Recomeçamos a sentir o espírito de comunidade. Hoje fazemos doações para várias entidades aqui de São Paulo e também de Israel⁹⁶.

Mas, para os meus filhos crescerem, muitos rolos de tecido foram enfiados, quero dizer, tecido ou renda esticado em camadas para cortar um determinado modelo⁹⁷. Eles cresceram e estudaram, tudo graças ao sucesso de nossa marca. Eu pude fazer sucesso porque tive a sabedoria em relação ao meu marido e à minha família. A mulher pode ser a mentora⁹⁸ mas, deve manter a humildade em casa⁹⁹.

A minha filha também sabe disso. Ela trabalha como instrumentadora e está estabelecida no Rio de Janeiro. Meu genro é médico cardiovascular, por não ser judeu, o casal resolveu a circuncisão dos filhos no hospital¹⁰⁰. É para lá que vou viver a minha nova fase. Vou curtir os netos. Tenho três. Pensei talvez em trabalhar por lá, mas ela não vai me deixar, ela acha que é tempo de ter hora¹⁰¹. Ter tempo para ver o tempo.

96 Myetta

97 Linda

98 Daniela

99 Samantha

100 Luiza

101 Myetta